

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

publica
CiaR

Barbie Fashionistas: Novas formas de exclusão sob o discurso da diversidade

Barbie Fashionistas: New forms of exclusion under the discourse of diversity

Barbie Fashionistas: Nuevas formas de exclusión bajo el discurso de la diversidad



Hugo Vinícius Ferreira Silva

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil,
hugovinicius@ufg.br



Sheila Daniela Medeiros dos Santos

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil,
sheiladmsantos@gmail.com

Resumo: O presente trabalho objetivou analisar a coleção *Barbie Fashionistas* como perspectiva de representatividade e de educação para as relações étnico-raciais na infância. Para que tal análise fosse possível realizou-se uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, fundamentada no referencial teórico-metodológico da Psicologia Histórico-Cultural. Com base neste referencial teórico, o trabalho realizado constatou que na mesma medida em que

o discurso da representatividade e da inclusão disseminado pela coleção *Barbie Fashionistas* avança, um ideário ainda maior e oculto de representações passa a ser imposto ao imaginário das crianças, a fim de atender a uma política de mercado neoliberal e a uma sociedade marcada pelo preconceito racial. Neste contexto, padrões de estética e beleza alienantes continuam a ser demasiadamente propalados, afetando de forma indubitável a educação para as relações étnico-raciais na infância.

Palavras-chave: Barbie. Diversidade. Infância. Relações étnico-raciais.

Abstract: This study aimed to analyze the Barbie Fashionistas collection as a perspective on representation and education for ethnic-racial relations in childhood. To achieve this, qualitative bibliographic research was conducted, grounded in the theoretical-methodological framework of Historical-Cultural Psychology. Based on this framework, the study found that as the discourse of representation and inclusion promoted by the Barbie Fashionistas collection advances, a hidden and even broader set of representations is imposed on children's imagination. This process serves neoliberal market policies and a society still marked by racial prejudice. In this context, alienating aesthetic and beauty standards continue to be excessively propagated, undeniably affecting the education for ethnic-racial relations in childhood.

Keywords: Barbie. Childhood. Diversity. Ethnic-racial relations.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo analizar la colección Barbie *Fashionistas* como una perspectiva sobre la representación y la educación en las relaciones étnico-raciales en la infancia. Para ello, se llevó a cabo una investigación cualitativa de carácter bibliográfico,

fundamentada en el marco teórico-metodológico de la Psicología Histórico-Cultural. Desde este marco, el estudio constató que, a medida que avanza el discurso de representación e inclusión promovido por la colección Barbie *Fashionistas*, se impone al imaginario infantil un conjunto de representaciones aún más amplio y oculto. Este proceso atiende a las políticas de mercado neoliberales y a una sociedad aún marcada por el prejuicio racial. En este contexto, los estándares alienantes de estética y belleza continúan siendo excesivamente propagados, afectando de forma indudable la educación para las relaciones étnico-raciales en la infancia.

Palabras clave: Barbie. Diversidad. Infancia. Relaciones étnico-raciales.

Data de submissão: 21/05/2025

Data de aprovação: 03/06/2025

Introdução

O presente trabalho refere-se ao recorte de uma pesquisa intitulada “Exclusão do título para não identificação” (Exclusão da autoria, 2024), desenvolvida dentro do Programa de Iniciação à Pesquisa das Licenciaturas, da Pró-Reitoria de Graduação, da Universidade Federal de Goiás – PROLICEN/PROGRAD/UFG.

De acordo com esta pesquisa, a história da boneca Barbie, lançada no ano de 1959 pela Mattel, sempre foi perpassada por muitas conquistas notáveis. Famosa no mundo inteiro, a boneca foi comercializada nos mais diversos países, fazendo parte do imaginário das crianças como verdadeiro símbolo de que as meninas poderiam ser o que elas quisessem (History, 2022).

Entretanto, após mais de meio século de verdadeira consagração no mercado, a gigante Mattel viu suas vendas sofrerem uma grande queda, de tal forma que a boneca, antes carro-chefe da empresa, começou a demonstrar certa obsolescência em um mercado cada vez mais competitivo e inovador (Pozzi, 2014).

Nesta ambiência, temáticas impreteríveis que emergiam no contexto mundial e questionavam os modelos eurocêtricos começaram a afetar a aquisição de novas bonecas, e a Mattel passou a ser o escopo de críticas acirradas sobre o modo como o padrão de beleza da boneca

Barbie se distanciava dos anseios das crianças. As medidas perfeitas e inatingíveis, assim como os cabelos lisos, longos e loiros, apesar de se imporem de forma enfática nas diferentes culturas ao redor do mundo, acabaram encontrando pouca representatividade entre as meninas.

Deste modo, a Mattel, não satisfeita com o lucro líquido proveniente de suas vendas – o qual apresentava-se bem abaixo das estimativas em relação aos anos anteriores –, decidiu entrar em ação lançando, em 2015, uma proposta que continha uma nova política de renovação da boneca Barbie.

Em face disso, o modelo de beleza ideal que o mundo havia assistido desde o lançamento da primeira Barbie, com cabelos loiros e olhos azuis, começou a dar espaço para uma coleção de bonecas “barbísticas” (Brum, 2016) que aparentavam ser inclusivas e inovadoras.

A consolidação desse movimento se deu em 2016 com o lançamento da nova coleção conhecida como *Barbie Fashionistas*, cujo objetivo era inaugurar no mercado de brinquedos, uma boneca que celebrasse a diversidade. Barbie passou, então, a ter novas tonalidades de pele, diferentes tipos de cabelo, cores variadas de olhos, além de forjar variadas silhuetas de corpos (History, 2022). Buscando ainda mais inovação, a coleção *Barbie Fashionistas* trouxe, também, bonecas sem cabelos, bonecas com vitiligo e bonecas com deficiência física e diferentes tons de pele preta (Barbie, 2020).

De acordo com Brum (2016) a notícia anunciada de que a Mattel havia se “sensibilizado” com a causa, reconhecendo a multiplicidade de mulheres existentes no mundo, foi recebida por ativistas e movimentos sociais como uma enorme conquista.

O sucesso foi tão descomunal que logo após o lançamento, a coleção *Barbie Fashionistas* estampava seus novos modelos em Jornais e Revistas digitais no mundo inteiro, incluindo as de renome internacional, como a Revista Time (Dockterman, 2016).

Convém mencionar que este movimento forjado pela Mattel em prol da diversidade logrou, de imediato, um aumento de mais de 15% nas vendas da boneca, o qual só veio a aumentar ainda mais no decorrer dos anos.

Todavia, as mudanças empreendidas no biotipo da boneca ícone, proclamadas por meio da criação de uma linha de Barbies com diferentes medidas corporais, tonalidades de pele, tipos de cabelos e penteados e, ainda, diversas estruturas faciais, não conseguiram renunciar ao modelo “clássico” predominante desde as primeiras Barbies.

A partir destas considerações, o presente trabalho objetivou analisar a coleção *Barbie Fashionistas* como perspectiva de representatividade e de educação para as relações étnico-raciais na infância.

Convém mencionar que para efetivar este trabalho realizou-se uma pesquisa qualitativa, de natureza

bibliográfica, ancorada na Psicologia Histórico-Cultural, cujo principal representante é Vigotski (1999, 2007, 2009).

Isto posto, a presente produção teórica primeiramente procurou dissertar sobre os elementos teóricos que forneceram a chave de análise para a compreensão do objeto investigado, assim como sobre a definição metodológica que tornou possível a aproximação da realidade subjacente a ser pesquisada. Na sequência, apresentou os aspectos primordiais que tangenciavam uma educação para as relações étnico-raciais na infância, considerando as características da coleção Barbie *Fashionsitas*. E, por último, ratificou a contribuição do estudo entrevedo um posicionamento crítico concernente à coleção Barbie *Fashionistas*, uma vez que, seguindo as preleções de Vigotski (1999), faz-se necessário captar o trivial no inusitado e conhecer os traços gerais dos fenômenos por meio de suas condições específicas, de forma a ir além das aparências e se chegar a essência dos objetos.

A metodologia como perspectiva de intervenção

É relevante destacar que a metodologia utilizada em um processo investigativo possui relação com a natureza do objeto. Isto posto, para a análise do objeto delineado neste trabalho realizou-se uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica (Demo, 2000; Lüdke & André, 2013; Minayo,

2001, 2017), com base em obras fundamentais da literatura especializada nacional/internacional.

Os estudos realizados fundamentaram-se em conteúdos acessíveis, no que se referia à temática tratada, em *websites* acadêmico-científicos qualificados, como: o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); a Biblioteca Eletrônica da *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Ademais, para analisar com tenacidade todas os aspectos que versavam sobre a problemática do processo investigativo, utilizou-se como base de sustentação os referenciais teóricos da Psicologia Histórico-Cultural. É importante mencionar que, segundo os estudos de Vigotski (2007, 2009), a referida abordagem compreende algumas teses básicas que podem ser sintetizadas da seguinte forma:

1) As funções tipicamente humanas resultam da relação dialética do homem com o contexto histórico e social. Ao mesmo tempo em que o homem transforma este contexto para suprir suas necessidades básicas, transforma a si mesmo;

2) A origem cultural das funções tipicamente humanas não ocorre independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida humana;

3) O cérebro, principal órgão da atividade mental, pela sua plasticidade e possibilidade de ser transformado pela ação de elementos externos, pode servir a novas

funções criadas na história do homem, sem que haja alteração do referido órgão físico;

4) A mediação entre os seres humanos e entre eles e o mundo é feita pelos instrumentos técnicos e pelos sistemas de signos construídos historicamente;

5) A análise psicológica deve ser capaz de conservar as características básicas dos processos psíquicos, os quais são exclusivamente humanos.

Em relação a estes aspectos, Pino (1990) salienta o fato de que este paradigma teórico permite entrever uma contribuição inédita e promissora para forjar uma nova concepção do psiquismo tão necessária para a compreensão da natureza social do desenvolvimento humano.

Não obstante, segundo Leontiev (1978), o psiquismo, em um enfoque histórico-crítico, é uma unidade material que se constitui culturalmente por meio de produções imagéticas subjetivas da realidade objetiva, as quais operam sob a ação de um sistema interfuncional em que há a condensação de mecanismos orgânicos e conteúdos culturais em processos de significação conscientes do real.

A coleção Barbie *Fashionistas* e as relações étnico-raciais

A coleção *Barbie Fashionistas* produzida e divulgada pela Mattel em 2016, surgiu em um momento crucial para a empresa. A partir de 2001, a boneca que havia sido a principal fonte de lucros, por quase meio século, passou a enfrentar os piores registros de vendas de sua história desde o seu lançamento (Brand Finance, 2019).

Isso porque, embora a Mattel tivesse comercializado mais de um bilhão de Barbies no mundo todo, o surgimento de novas tecnologias e de outros brinquedos, como: a popularização da internet, os *videogames*, os *smartphones*, os *tablets* e, ainda, as bonecas Princesa da *Disney* e os blocos sólidos da LEGO, alteraram a realidade do mercado global do referido segmento, impactando incontestavelmente os negócios da empresa. Ademais, às exigências de um mercado mais competitivo, acrescentou-se o fato de a Barbie receber constantes críticas ao seu padrão hegemonicamente branco, o qual contribuiu com primordial relevância para a queda nas vendas da boneca (Exclusão da autoria, 2020).

A coleção *Barbie Fashionistas*, portanto, emergiu com uma variação de bonecas jamais vista anteriormente. De início, a Mattel apresentou em sua nova coleção diversas estruturas faciais, 4 tipos de corpos, 22 cores de olhos, 7 tonalidades de pele e 24 estilos de cabelo (History, 2022). Neste contexto, observou-se certa evolução no que dizia respeito à “diversidade”, já que as mudanças no que se referiam às bonecas pretas, por exemplo, não se

restringiram meramente à troca na cor da pele, tal como ocorreu com a Barbie Christie lançada em 1968. Ao contrário, as bonecas da coleção Barbie *Fashionistas* possuíam cabelos cacheados e crespos e apresentavam mudanças nos traços faciais, uma vez que a intenção da Mattel, desta vez, era produzir bonecas com a maior semelhança possível quanto aos aspectos étnicos (Gonçalves, 2020).

Sendo assim, a nova coleção, de imediato, trouxe grandes impactos quanto ao consumo de Barbies, já que os novos modelos foram bem recebidos pelo público como uma forma, ao menos aparentemente, real de representatividade. Na ocasião, as mães de crianças pretas viram a iniciativa como positiva na educação de suas filhas, pois agora elas poderiam se ver representadas no brinquedo e não precisariam mais tentar se igualar a um padrão inatingível (Gonçalves, 2020). O sucesso foi tamanho que em 2019 a Mattel declarou que 55% das bonecas vendidas naquele ano não eram loiras de olhos azuis (Gonçalves, 2020). Uma porcentagem que impressiona, uma vez que por mais de meio século o padrão eurocêntrico era o único ou o mais popular entre os consumidores da boneca.

Cumpre lembrar que mediante as bases teóricas das quais se faz uso nesta pesquisa, o brinquedo e a brincadeira ocupam papel fundamental no desenvolvimento das crianças, pois é através destes que elas vivenciam papéis

sociais, criam e negociam regras, experienciam o jogo simbólico, realizam desejos que não são realizáveis em seu mundo imediato e superam a ação impulsiva em relação aos objetos, operando com o significado das coisas e dando um importante passo em direção ao pensamento conceitual (Leontiev, 1988).

Outrossim, para Vigotski (2007), a brincadeira se deve a mudanças que ocorrem nas interações das crianças com o contexto social, em razão das distintas posições que elas ocupam e das diferentes tarefas que lhe são colocadas. Ao desempenhar um papel na brincadeira, operar com o significado de sua ação e submeter seu comportamento a determinadas regras, as crianças desenvolvem a vontade e a capacidade de fazerem escolhas conscientes. No confronto das viabilidades, na dinâmica das permutas e negociações, delineia-se a disputa entre os modos de ver e dizer o mundo e o *outro*. Emergem, na dinâmica da brincadeira, as práticas sociais das crianças, assim como suas histórias em construção no embate tangível e controverso das relações sociais.

Neste quadro esboçado, o brinquedo pode cumprir papéis distintos mediante o seu uso e a sua concepção, a depender da lógica subjacente que o embasa, permitindo tanto asseverar práticas racistas, como promover uma educação antirracista para as relações étnico-raciais.

No Brasil, como aponta Munanga (2010) ainda é muito difícil constituir uma frente de combate ao racismo, uma vez

que a tarefa de identificar suas manifestações se torna por vezes onerosa, pois o que se cria de fato é uma narrativa de que o racismo é particular de outras culturas, mas não da cultura brasileira. Nesta vertente, o autor reitera:

[...] é o que costumamos chamar de “mito de democracia racial brasileira”, que funciona como uma crença, uma verdadeira realidade, uma ordem. Assim fica muito difícil arrancar do brasileiro a confissão de que ele é racista (Munanga, 2010, p.1).

Deste modo, para se estabelecer uma educação antirracista para as relações étnico-raciais é importante entender qual a natureza dessas relações e de que forma peculiar elas se estabelecem. A educação é, portanto, o meio pelo qual pode-se vislumbrar um caminho para vencer o preconceito.

Segundo Munanga (2010), não nascemos preconceituosos, os preconceitos quanto à raça, etnia, religião entre outros, inicialmente habitam levemente o modo de pensar das pessoas e se traduzem em pequenas atitudes as quais posteriormente podem ser levadas adiante e ratificadas através da educação. Portanto, é uma questão de tempo até que sejam concretizadas de forma verbal e comportamental. Nesta perspectiva, os preconceitos possuem em germe as condições satisfatórias para a emergência da discriminação. Falta apenas um salto para que se passe da opinião ao comportamento discriminatório, o qual pode ser visível e mensurável (Munanga, 2010, p. 7).

Sendo assim, é possível impedir esse processo através de práticas que conscientizem e se contraponham ao preconceito e à discriminação, uma vez que o quanto antes ele for interrompido, maiores serão as chances de ele não ser perpetuado.

Estas implicações recaem sobre a forma como a própria sociedade se organiza e se relaciona, como evidenciado por Silva (2018, p. 9) ao afirmar que: “reeducar relações étnico-raciais implica aprender a negociar mudanças, nas relações entre pessoas e na organização da sociedade”. Por essa razão é fundamental investigar essas relações, a fim de identificá-las.

Dessa maneira, uma educação para as relações étnico-raciais é aquela que se dedica a identificar as inúmeras cadeias de interações vividas pelos seres humanos, compreendendo como elas contribuem para a propagação de paradigmas e para a manutenção das práticas racistas, a fim de conceituá-las e combatê-las.

O discurso da diversidade e suas contradições

Com base no referencial teórico adotado, qual seja, a Psicologia Histórico-Cultural, o trabalho realizado constatou que na mesma medida em que o discurso da representatividade e da inclusão disseminado pela coleção *Barbie Fashionistas* avança, um ideário ainda maior e oculto de representações passa a ser imposto ao imaginário das

crianças, a fim de atender a uma política de mercado neoliberal e a uma sociedade marcada pelo preconceito racial.

Neste contexto, padrões de estética e beleza alienantes continuam a ser demasiadamente propalados, afetando de forma indubitável a educação para as relações étnico-raciais na infância.

É relevante destacar que o emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, desempenha papel fundamental no sentido de marcar relações tensas e contraditórias advindas das diferenças na cor da pele e nos traços fisionômicos. Expõe, ainda, a raiz cultural semeada na ancestralidade africana, a qual diverge em visão de mundo, valores e princípios no que se refere às origens indígenas, europeias e asiáticas.

Em sentido contrário, de acordo com Steinberg (2001), a Mattel define etnia como a diferença que existe em relação a branquitude. Neste íterim, “a Barbie ‘normal’, loura, é o padrão a partir do qual as outras Barbies são produzidas. Como emula a cultura dominante, a norma é a Barbie; sem um título todas as outras Barbies são qualificadas por sua linguagem, alimentos e danças ‘nativas’. Tentando ser multiculturais, pais compram essas bonecas para as suas filhas para ensiná-las sobre ‘outros’ povos ” (Steinberg, 2001, p. 333).

Cumpre lembrar que ao empreender ao mundo uma boneca com características estéticas tão restritas, baseada

em padrões eurocêtricos, a Mattel define não somente diferenças, como afeta a própria vivência das crianças, afinal,

[...] a imagem das bonecas serve como uma referência para quem brinca, e quando existe a dominância de um padrão em que apenas um pequeno percentual de crianças se reconhece, todas as outras sofrem com um sentimento de falta (Oliveira, 2019, s/p).

Este sentimento de falta, por sua vez, por mais que seja aos poucos combatido pela diversificação na coleção das bonecas, ainda é bastante sentido nas relações vividas pelas crianças, afinal a representatividade é algo imprescindível. Porém, cabe ressaltar, apenas ela não é suficiente para desconstruir preconceitos, o que por sua vez só acontece mediante uma educação voltada para as relações étnico-raciais. Neste sentido, é importante promover debates sobre a construção da identidade das crianças que crescem sob um padrão tão imponente.

De acordo com Gomes (2017) identidade não é algo que nos acompanha de forma inata, mas é uma forma de existirmos, meio pelo qual nós construímos relações e aderimos a grupos sociais. Consequentemente a construção de uma identidade está intimamente ligada ao mundo que nos rodeia, uma vez que inseridos em determinado tipo de grupo social vamos responder a ele, criar conexões e nutrir um sentimento de pertencimento.

Assim, se determinado grupo reforça um padrão único de beleza, uma cor de pele, um tipo de cabelo, definindo-o como ideal, os membros daquele grupo tendem a se adequar a ele, pois no processo de criar identidades, nada é trivial ou perdurável, uma vez que a multiplicidade de identidades pode exigir, simultaneamente, lealdades distintas, divergentes, ou até contraditórias (Gomes, 2017).

Com efeito, somos “sujeitos de múltiplas identidades sociais que podem ser, também, provisoriamente atraentes, parecendo-nos, depois, descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas” (Gomes, 2017, p. 43).

Portanto, ao asseverar durante tanto tempo um padrão hegemonicamente branco de olhos azuis e cabelos lisos, em uma sociedade marcada pelo racismo e pelo preconceito étnico, a boneca Barbie tornou-se não somente um padrão de beleza a ser seguido, mas também um lembrete de que este padrão é inatingível para as crianças que nele não se encaixam.

Devemos, também, ponderar estas questões com um olhar crítico sobre o momento em que a coleção Barbie *Fashionistas* emerge, como pontua e ironiza Brum (2016) em um artigo escrito para o jornal *El País* a respeito do lançamento desta nova linha de bonecas: “demorou só 57 anos para a Mattel ‘descobrir’ que as mulheres reais do planeta têm cores e formas variadas”. Neste sentido cabe ratificar que o interesse repentino da empresa em popularizar suas bonecas e diversificá-las não somente

acontece para combater as críticas quanto a sua política pautada na branquitude, mas também para atender as exigências do mercado capitalista que anseia por novos produtos.

Neste contexto, assim que novas demandas surgem, seja para satisfazer os anseios sociais ou para abrir um novo segmento de mercado, o objetivo é sempre o mesmo. Ao final, o que movimenta a grande máquina para a produção de novas bonecas, de forma que elas ocupem os desejos e aplaquem as críticas, é sobretudo o lucro. Quanto mais modelos surgirem, maior será a quantidade de acessórios e de roupas diferentes e colecionáveis para combinar com a nova paleta de cores da boneca. Isto posto, uma infinidade de novas coleções pode despontar no mercado sempre que for necessário, tudo de maneira ordenada, para que a Barbie permaneça perene no topo do mundo diverso que a Mattel criou.

Considerações finais

Este trabalho objetivou analisar a coleção *Barbie Fashionistas* como perspectiva de representatividade e de educação para as relações étnico-raciais na infância.

Por meio do estudo realizado foi possível compreender que a coleção *Barbie Fashionistas*, criada pela Mattel em 2016, apesar de ter sido amplamente disseminada na mídia digital e ter alcançado exorbitante sucesso de vendas no mercado de brinquedos, pelo fato de representar uma

iniciativa (supostamente) vanguardista, estava impondo, sob o discurso da diversidade e da inclusão, padrões de beleza e de comportamento, assim como modos de olhar que ratificavam os estereótipos culturais e o racismo estrutural persistentes na sociedade.

Neste contexto, notou-se que a Mattel promoveu uma fragmentação entre as bonecas Barbies tendo como referência uma visão dicotômica (equivocada) entre culturas dominantes e culturas marginais. Neste movimento, a Mattel chancelou “identidades raciais” que representavam o encarceramento que obstaculizava as crianças de usufruírem a sua infância e a sua condição humana em relações equânimes.

Conforme Steinberg (2001) asseverou, a branquitude da Barbie a privilegiou de todas as formas para que ela não fosse questionada, afinal, a boneca modelo “clássico” continuava sendo o padrão para as outras Barbies.

Por fim, ao versar sobre as configurações emblemáticas da coleção *Barbie Fashionistas*, nota-se que, ao invés de exaltar a evolução dos novos protótipos da Barbie ou evidenciar a sua aceitação tácita, faz-se necessário priorizar a educação das relações étnico-raciais e ampliar, de modo crítico, os olhares e as ações para a diversidade cultural, racial, social e econômica, na busca pela equidade e pela concretização de políticas públicas e medidas legislativas que garantam os direitos étnico-raciais específicos.

Referências bibliográficas

BARBIE INCREMENTA LINHA FASHIONISTAS COM BONECAS COM VITILIGO E CARECA. **ACONTECENDO AQUI**, FLORIANÓPOLIS, 30 JAN. 2020. DISPONÍVEL EM:

<HTTPS://ACONTECENDOACUI.COM.BR/MARKETING/BARBIE-INCREMENTA-LINHA-FASHIONISTAS-COM-BO-NECAS-COM-VITILIGO-E-CARECA>. ACESSO EM: 06 DEZ. 2021.

BRAND FINANCE. TOYS 25: THE ANNUAL REPORT ON THE WORLD'S MOST VALUABLE AND STRONGEST TOY BRANDS. **BRAND FINANCE**, LONDRES, JUNE, 26TH 2019. DISPONÍVEL EM:

HTTPS://BRANDFINANCE.COM/IMAGES/UPLOAD/TOYS_25_FREE_1.PDF. ACESSO EM: 30 OUT. 2019.

BRUM, E. QUEM PRECISA DA BARBIE, TENHA O CORPO QUE TIVER? **EL PAÍS**, MADRID, 01 FEV. 2016. DISPONÍVEL EM:

HTTPS://BRASIL.ELPAIS.COM/BRASIL/2016/02/01/OPINION/1454337243_379959.HTML. ACESSO EM: 22 FEV. 2022.

DEMO, P. **METODOLOGIA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO**. SÃO PAULO: ATLAS, 2000.

DOCKTERMAN, E. BARBIE'S GOT A NEW BODY, **TIME**, NOVA YORK, FEBRUARY 08, 2016.

DISPONÍVEL EM: <HTTPS://TIME.COM/BARBIE-NEW-BODY-COVER-STORY/>. ACESSO EM: 24 FEV. 2022.

GOMES, N. L. ALGUNS TERMOS E CONCEITOS PRESENTES NO DEBATE SOBRE RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL: UMA BREVE DISCUSSÃO. **GELEDÉS**, SÃO PAULO, 13 MAR. 2017. DISPONÍVEL EM:

<HTTPS://WWW.GELEDES.ORG.BR/ALGUNS-TERMOS-E-CONCEITOS-PRESENTES-NO-DEBATE-SOBRE-RELACOES-RACIAIS-NO-BRASIL-UMA-BREVE-DISCUSSAO/>. ACESSO EM: 09 ABR. 2022.

GONÇALVES, A. B. COMO A BONECA BARBIE FICOU MAIS VERSÁTIL E GANHOU IMPORTÂNCIA NA LUTA PELA INCLUSÃO. **FOLHA DE SÃO PAULO**, SÃO PAULO, 16 JUN. 2020. DISPONÍVEL EM:

<HTTPS://F5.FOLHA.UOL.COM.BR/ESTILO/2020/06/COMO-A-BONECA-BARBIE-FICOU-MAIS-VERSATIL-E-GANHOU-IMPORTANCIA-NA-LUTA-PELA-INCLUSAO.SHTML>. ACESSO EM: 08 ABR. 2022.

HISTORY. @2025 MATTEL INC. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://CORPORATE.MATTEL.COM/EN-US/ABOUT/HISTORY](https://corporate.mattel.com/en-us/about/history). ACESSO EM: 20 MAI. 2025.

LEONTIEV, A. N. **O DESENVOLVIMENTO DO PSIQUISMO**. LISBOA: NOVO HORIZONTE, 1978.

LEONTIEV, A. N. OS PRINCÍPIOS PSICOLÓGICOS DA BRINCADEIRA PRÉ-ESCOLAR. IN: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **LINGUAGEM, DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM**. SÃO PAULO: ÍCONE/EDUSP, 1988. P. 119-141.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **PESQUISA EM EDUCAÇÃO: ABORDAGENS QUALITATIVAS**. 2. ED. SÃO PAULO: EPU, 2013.

MINAYO, M. C. (ORG.) **PESQUISA SOCIAL: TEORIA, MÉTODO E CRIATIVIDADE**. 18. ED. PETRÓPOLIS, RJ: VOZES, 2001.

MINAYO, M. C. CIENTIFICIDADE, GENERALIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE ESTUDOS QUALITATIVOS. **CIÊNCIAS & SAÚDE COLETIVA**, RIO DE JANEIRO, RJ, V. 22, N.1, P. 16-17, JAN. 2017.

MUNANGA, K. TEORIA SOCIAL E RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO. **CADERNOS PENESB**, NITERÓI, RJ, N. 12, P. 169-203, 2010. DISPONÍVEL EM: [BIBLIO.FFLCH.USP.BR/MUNANGA_K_TEOIASOCIALERELACOESRACIAISNOBRASILCONTEMPORANEO.PDF](https://biblio.fflch.usp.br/munanga_k_teoriasocialerelacoesraciaisnobrasilcontemporaneo.pdf). ACESSO EM: 08 ABR. 2022.

OLIVEIRA, M. POR QUE A DIVERSIDADE DAS BONECAS IMPORTA. **DEUTSCHE WELLE**, BERLIM, 20 FEV. 2019. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.DW.COM/PT-BR/POR-QUE-A-DIVERSIDADE-DAS-BONECAS-IMPORTA/A-47586054](https://www.dw.com/pt-br/por-que-a-diversidade-das-bonecas-importa/a-47586054). ACESSO EM: 08 ABR. 2022.

PINO, A. A CORRENTE SÓCIO HISTÓRICA DE PSICOLOGIA: FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS E PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS. **EM ABERTO**, BRASÍLIA, DF, ANO 9, N. 48, P. 61-67, 1990.

POZZI, S. BARBIE PERDE O JOGO DE CINTURA. **El País**, NOVA YORK, 27 ABR. 2014.

DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://BRASIL.ELPAIS.COM/BRASIL/2014/04/25/ECONOMIA/1398425717_617914.HTML](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/25/economia/1398425717_617914.html).

ACESSO EM: 25 FEV. 2022.

SILVA, P. B. G. EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES.

EDUCAR EM REVISTA, CURITIBA, PR, v. 34, n. 69, p. 123-150, MAIO/JUN. 2018. DISPONÍVEL

EM:

[HTTPS://WWW.SCIELO.BR/ER/A/XGGQMHCKHC9mPwSYPJWFbND/?FORMAT=PDF&LANG=PT](https://www.scielo.br/er/a/xggQMHCKHC9mPwSYPJWFbND/?format=pdf&lang=pt).

ACESSO EM: 08 ABR. 2022.

STEINBERG, S. R. A MIMADA QUE TEM TUDO. IN: STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J. L.

S. (ORGS). **CULTURA INFANTIL: A CONSTRUÇÃO CORPORATIVA DA INFÂNCIA**. RIO DE JANEIRO:

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 2001. P. 321-338.

VIGOTSKI, L. S. **TEORIA E MÉTODO EM PSICOLOGIA**. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 1999.

VIGOTSKI, L. S. **A FORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE**. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO E DA LINGUAGEM**. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2009.